

Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 5

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Vimos que o desejo humano pode se impor pela sua onipotência como na atitude animista revivida nos tempos atuais na fruição artística. Afinal sabemos da força que têm as pulsões e mesmo da sua natural indestrutibilidade. Outras vezes, entretanto, esse desejo se posta diante dos limites impostos pela realidade e é freado por ela. Portanto nem sempre desejo e realidade andam juntas, e podem mesmo seguirem caminhos diametralmente opostos.

Temos aqui um bom começo para as nossas considerações: quando desejo e realidade conseguem se compor? Ou, ao contrário tornam-se um campo de batalha onde assistimos muitas vezes a completa perda de diálogo e o triunfo do *mal-estar na cultura*?

Freud em *O Interesse Científico da Psicanálise (1913)* nos mostra o percurso da humanidade, pelo viés da filogênese¹, no que diz respeito a sua evolução quanto a concepção que essa constrói do mundo, a medida que se afasta cada vez mais da crença primitiva em sua própria *Onipotência*. Eleva-se da fase animista, passando pela religião até alcançar a fase científica. É a *Lei Freudiana dos três estados*². Lei que irá reger o modo de evolução das visões humanas do mundo, ou seja, dos três grandes sistemas intelectuais: a concepção animista (mitológica), a concepção religiosa e a concepção científica. O que para Freud irá mudar na estruturação desses “três sistemas” é o modelo da relação que se dá entre a realidade e o pensamento. Para ele vai incidindo nessa relação um descentramento progressivo ao redor do psiquismo. Essa relação vai se abrindo à exterioridade, ao mundo circunstancial, ao senso mais acurado de observação, e, desse modo, vai se assistindo paulatinamente ao declínio da primitiva “*onipotência do pensamento*”.

Como declarou Freud, “*só há um domínio em que a onipotência das ideias se manteve até os nossos dias*”. Esse é a arte, remanescente do animismo primitivo. Cabe então de modo ilustrativo colocar a tríade dos estados de evolução do seguinte modo quando se fala em desejo e realidade: Arte (desejo) – Religião (sintoma) – Ciência (realidade), pois

¹ Que é a história evolutiva das espécies.

² Assoun, Paul-Laurent. **Freud, A Filosofia e os Filósofos**. Livraria Francisco Alves Editora S. A. RJ, 1978.

Freud afasta desse binário desejo/realidade pelo seu conteúdo alienante, a estrutura sintomática da religião.

Freud usou sua ferramenta, a psicanálise, para a compreensão da significação psicológica das representações religiosas. Invalida a objetividade do fundamento racional da religião e aponta a dimensão do dogma religioso com suas inúmeras e ficcionais pseudoprovas, como um gigantesco mecanismo de autodefesa da sociedade. Na verdade, um processo fideísta³ que renuncia à objetividade para melhor justificar a ilusão. É o “*credo quia absurdum*”⁴.

Daí a alternativa que se coloca ao início do presente artigo: ou o desejo afirma-se na sua onipotência ou então assume a limitação que a realidade lhe impõe.

O psicanalista e Professor de Filosofia Política e Social, Paul-Laurent Assoun, autor que venho me baseando nas considerações desses artigos, questiona então o lugar da filosofia nessa tríade freudiana que procurou desenhar. Irá dizer que a filosofia depende ao mesmo tempo da arte e da ciência. Ela, a filosofia, do mesmo modo que a arte, visa a totalidade e nutre a ambição de domínio global do mundo por sua confiança na *onipotência das ideias*. Isto é, se move pela dimensão do *desejo*. Ao mesmo tempo, como a ciência, ela exige do filósofo que esse leve em conta a realidade que tem por meta explicar.⁵ Desse modo, para esse autor, essa característica da filosofia acabaria por colocá-la ora ampliada como “*desejo poético*”, ora tão “*realística*” como o trabalho árduo do cientista subordinado a lei do real. Fica a filosofia como um mediador e revelador de um *processo global*. Processo que realizaria um duplo movimento “*imediação do desejo e mediação do real*”. Ela atenderia, desse modo, a tentação do *desejo integral* e a exigência da dimensão do que é *real*.⁶

A filosofia buscaria, portanto, alcançar essa unidade tão sonhada. Uma *unidade ilusória*, que seria descartada pela ciência que recusa a imediatez do desejo como arbitrariedade. Mas também *unidade verdadeira*, porque revela a inquestionável realidade da existência do desejo humano, que se materializa nessa busca ilusória de uma unidade.

³ Fideísmo: Doutrina teológica que, desprezando a razão, preconiza a existência de verdades absolutas fundamentadas na fé.

⁴ Creio por ser absurdo. Expressão de Santo Agostinho.

⁵ Assoun, Paul-Laurent. **Freud, A Filosofia e os Filósofos**. Livraria Francisco Alves Editora S. A. RJ, 1978.

⁶ idem

Pode oferecer, entretanto, indícios de que se trata de uma ilusão. Nesse momento a filosofia realizaria sua *identidade psicanalítica*. Uma busca de aproximação com a psicanálise, ou mesmo, uma identificação com ela.

Esse o tema de nosso próximo artigo: do mesmo modo que desejo pode ser apenas ilusão, pode também ser realização, pois existe tanto uma *necessidade do desejo*, mesmo que ilusório, como também uma verdadeira *produtividade⁷ do desejo* que tem expressão na realidade através das manifestações culturais ou mesmo nas conquistas materiais reais.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).

⁷ idem